

# Teatro, educação e política:

o grupo forja

Cleiton Daniel Alvaredo Paixão

**Como citar:** PAIXÃO, C. D. A. Teatro, educação e política: o grupo forja *In:* DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci: os 70 anos da morte de Gramsci.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 109-112.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p109-112>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## Teatro, educação e política: o grupo forja

Cleiton Daniel Alvaredo Paixão<sup>1</sup>

Herdeiro de uma tradição artística que se pretendia deliberadamente política e agente da politização social é como podemos entender o trabalho realizado pelo grupo *Forja* no bojo do Movimento Operário, iniciado durante a década de 1970. Este grupo, formado por trabalhadores, inicia seus trabalhos junto ao sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo em 1979, com a intenção de atrair o trabalhador para participar de eventos realizados pelo sindicato, discutir os problemas enfrentados pela classe, e também para que esse trabalhador tivesse contato com atividades culturais e artísticas como o teatro, cinema, entre outras promovidas pela entidade. A promoção dessas atividades se deve também ao afastamento dos trabalhadores dos sindicatos – considerado um “lugar perigoso” nesse período – devido a forte repressão exercida pelo governo militar sobre as entidades; esse e outros fatores faziam com que o trabalhador não participasse do sindicato com medo de sofrer alguma forma de repressão.

O grupo *Forja* surge do encontro de alguns trabalhadores, interessados em dar continuidade ao trabalho realizado pelo extinto grupo *Ferramenta* nos anos de 1975 a 1978 no sindicato, com Tin Urblnati, ator e diretor vindo do Grupo de Teatro das Ciências Sociais da USP. O trabalho desenvolvido pelo grupo deveria ser feito de maneira a esclarecer para os operários a importância do conhecimento de seus direitos e da organização da classe trabalhadora, para que pudessem reivindicar melhorias nos salários e nas leis trabalhistas, que desde o golpe militar em 1964 vinha sofrendo diversas alterações em favor de investimentos para o quadro industrial do Brasil, alterações essas que acabavam por prejudicar ainda mais as condições de trabalho do operariado brasileiro.

O grupo *Forja* desenvolvia seus trabalhos tendo como ponto central a luta dos trabalhadores contra a ofensiva do governo militar diante das leis trabalhistas, pois com o Golpe Militar de 1964 tem início uma nova etapa histórica nas relações entre o Estado e o Movimento Operário. Frederico (1987) afirma que até 1930 a questão social era considerada como uma mera questão de polícia. Entre os anos de 1930, e até chegarmos aos idos do golpe, em 1964, esta questão torna-se problema político. Entretanto, após o golpe, com os militares no poder, a questão social começa a ser assunto de Segurança Nacional.

Essa política pode ser observada quando, nesse momento, o Movimento Operário passa a ser alvo de perseguição e repressão pela polícia política. Nesse instante, devido à constante perseguição ao movimento sindical, diversos líderes sindicais foram ameaçados, demitidos, presos e substituídos por interventores ligados ao novo governo militar.

Após esse primeiro surto de repressão que se instalou frente aos trabalhadores e nos sindicatos, o governo militar adotou ainda outras medidas, na intenção de dificultar e reduzir ainda mais a organização dos trabalhadores e das forças dentro dos sindicatos em todo o Brasil. A exemplo

---

<sup>1</sup> Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual Paulista – FFC, campus de Marília.

dessas medidas, podemos observar a modificação na política salarial, que consistia em colocar nas mãos do governo o poder de fixar, a seu modo, o índice de reajuste anual dos salários dos trabalhadores. Tal fato, além de suprimir o poder da Justiça do Trabalho, segundo Frederico (1987), enfraqueceria ainda mais a força de negociação dos sindicatos frente ao patronato. Nesse sentido, com o “arrocho salarial”, que permite apenas um pequeno reajuste dos salários que se configurava com essas leis, o índice de reajuste salarial se fixava abaixo do aumento do custo de vida anual.

Outro fator importante, que coibiu a luta dos trabalhadores, foi a proibição das greves trazida pela lei 4.330/65. Essa lei considerava a greve – uma das grandes armas dos trabalhadores – crime contra a Segurança Nacional. Dessa forma, sem poder utilizar desses recursos (negociação salarial direta com o patrão e a greve) para defender os trabalhadores, os sindicatos ficaram com a mera função assistencial, obviamente sendo vigiados de perto, quando não tomados por interventores do Ministério do Trabalho. Entretanto, coloca Frederico (1987), mesmo com as diversas intervenções realizadas pelos militares, os debates sobre os problemas trazidos pelo golpe cresceram constantemente em todas as camadas da sociedade.

Dando continuidade às intervenções instauradas com o golpe, o ano de 1968 ficou marcado pelo aumento na repressão aos diversos movimentos que se constituíam desde o pré-64, trazida pela instauração do ato institucional n.º5 (AI-5). Entretanto, esse ano também marcou o aumento da contestação estudantil ao governo militar, o início das organizações armadas e o renascimento das greves operárias nos centros urbanos.

Nesse sentido, no ano de 1968 foram realizadas diversas greves na cidade de Contagem, no estado mineiro, nas indústrias automobilísticas de São Bernardo do Campo e Osasco, além da indústria de cimento e cal de Perus, em São Paulo. Assim, afirma Frederico (1987), as experiências ocorridas na greve de Osasco, em 1968, marcariam o surgimento de um movimento sindical autônomo e organizado, pois dentro de uma perspectiva de reação às medidas antitrabalhistas criadas pelo governo, o operariado, que via suas representações engessadas dentro dos sindicatos, começava a se organizar nos próprios locais de trabalho, aumentando as forças das comissões de fábricas, o que deu garantia maior para sua representação.

Além de fazerem parte de matérias e documentários jornalísticos, as lutas realizadas pelos trabalhadores brasileiros em defesa dos seus direitos sociais e políticos durante as décadas de 1960 a 1980 serviram como base para diversas produções artísticas, fosse dentro dos teatros que se formavam nas periferias, fosse dentro dos sindicatos por todo o país. Esse caráter de militância política e cultural do grupo *Forja* está diretamente ligado às experiências culturais iniciadas em meados da década de 1950.

Assim, a importância da produção cultural que remonta às décadas de 1960 e 1970 reside nas várias experiências que representam esse importante momento na história política e cultural do Brasil. É inegável, nesse sentido, a riqueza encontrada nos diversos trabalhos realizados por grupos de teatro, cinema e outros tipos de expressões artísticas do período, que procuravam realizar um trabalho que se fizesse porta voz das reivindicações vindas da sociedade brasileira. Com isso, as manifestações urbanas travadas por estudantes e operários, as lutas no campo em favor da reforma agrária, as manifestações de intelectuais ligados à esquerda, buscavam soluções para a crise política e social brasileira naquele momento; todos ofereciam subsídios

para o crescimento dos movimentos de cultura impulsionados pelos trabalhos realizados pelo CPC (Centro Popular de Cultura) da UNE (União Nacional dos Estudantes), que desenvolviam, entre outros projetos, um trabalho de políticas educacionais inspirado nas experiências realizadas por Paulo Freire no MCP (Movimento de Cultura Popular) em Pernambuco durante o governo de Miguel Arraes. Dessa forma, a partir desse contexto, começava a se formar uma reviravolta na maneira como o trabalho artístico era desenvolvido no Brasil. Trabalhadores do teatro e do cinema, literatos e músicos, intelectuais, entre outros, se revelavam como vanguarda cultural, pelas novas experiências que eram inseridas junto à sociedade naquele momento.

A década de 1960 ficou marcada, no Brasil, como um momento de efervescência política e cultural, representada pela movimentação e organização de diversos setores da sociedade. Nesse momento, o mundo encontrava-se politicamente bipolarizado no contexto da Guerra Fria e seus reflexos eram sentidos na América Latina. Internamente, as massas populares se articularam para melhor se manifestarem: os trabalhadores rurais, particularmente no Nordeste, liderados por Francisco Julião, formaram as ligas Camponesas em favor da Reforma Agrária Radical; nas cidades, operários e estudantes se organizavam em entidades estudantis e sindicatos. A politização respirada nos meios intelectuais de esquerda era representada no meio estudantil pela União Nacional dos Estudantes (UNE), pela União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e pela União Metropolitana dos Estudantes (UME).

A produção teatral engajada, por sua vez, floresceu impulsionada pelos grupos Arena e Oficina. Teatrólogos, entre os quais se destacam Oduvaldo Vianna Filho, Plínio Marcos e Gianfrancesco Guarnieri, escreviam textos que investigavam as questões sociais e faziam sérias críticas à elite brasileira. Assim, no Rio de Janeiro, o Centro Popular de Cultura improvisava teatro político em portas de fábricas, sindicatos, grêmios estudantis e em comunidades e favelas, começavam a fazer cinema e a lançar discos.

Entretanto, esse processo de democratização política e social, junto com a crescente mobilização popular pelas chamadas "reformas de base" viria a ser interrompido pelo autoritarismo violento imposto pelo golpe militar em 1964. Nesse instante, a atividade cultural seria profundamente afetada; sem poder manter ligações com movimentos sociais, acabaria desenvolvida apenas por grupos ligados à "produção ideológica do país", ou seja, as produções intelectuais eram realizadas e difundidas apenas dentro dos pequenos grupos dos próprios intelectuais, por razões de segurança.

Entretanto, mesmo com o chamado "golpe dentro do golpe" em 1968, o que fez aumentar ainda mais a repressão militar frente aos movimentos sociais, é possível encontrar focos de resistência no teatro durante a década de 1970 que procuravam desenvolver um trabalho crítico sobre a política trabalhista nacional, com temas que tratavam do cotidiano dos trabalhadores, assim como suas lutas para melhorias nos direitos políticos e sociais. É nesse contexto que surgiram diversos grupos alternativos com a intenção de fazer um trabalho direcionado a um público mais popular.

Influenciados pelos movimentos culturais e sociais que se colocavam a pensar novos projetos para o Brasil no início da década de 1960, o trabalho realizado pelo grupo *Forja* muitas vezes deixavam de lado diversas questões de ordem estética para que ficasse mais evidente seu caráter político.

Nesse sentido, explica Paranhos (2005), o significado político e cultural do trabalho realizado pelo grupo *Forja* nas décadas de 1970 e 1980 está na maneira como se constituiu e como direcionou suas atividades, tendo como características fundamentais o perfil militante, a opção pelo trabalho coletivo e a atuação nos bairros da periferia. As propostas apresentadas pelo *Forja* não se diferenciavam da maioria dos grupos que realizavam trabalhos parecidos no período, entretanto, possuía características individuais que influenciaram diretamente em sua formação. Primeiramente, por se tratar de um grupo teatral formado dentro do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo e, segundo, porque surge com a intenção de trabalhar com amplas temáticas relacionadas ao cotidiano do trabalhador, principalmente com sua formação política e social, numa tentativa de desenvolver nele uma consciência crítica dos acontecimentos que envolviam os sindicatos e a classe trabalhadora no país diante da política trabalhista aplicada pelos militares no pós 64.

Segundo Paranhos (2002), entre os anos de 1971 e 1978 foram desenvolvidas diversas atividades culturais dentro do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo, envolvendo desde a produção de jornais até a criação de grupos de teatro. Nesse sentido, por volta do ano de 1978, alguns operários se reúnem para dar continuidade ao trabalho do antigo grupo de teatro "Ferramenta", formado dentro do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo. A proposta do grupo, dirigida principalmente aos operários, era "fazer com que o trabalhador metalúrgico viesse ao sindicato não só para discutir a campanha salarial, mas também para ter um pouco de cultura, para assistir teatro, e isso simultaneamente" (URBINATI, 1992: 299).

Em 1980 surge a peça *Pensão Liberdade*, uma produção coletiva do grupo *Forja*, apresentada inicialmente para parentes dos atores, membros da Comissão de Salário e alguns diretores do sindicato. Como característica comum entre os grupos formados no período, segundo Paranhos (2002), após o espetáculo ocorriam discussões de onde surgiram novas idéias e sugestões que, mais tarde, foram introduzidas na peça. O espetáculo narra a vida do operário, seus problemas, a ausência de liberdade política, as lutas dentro das fábricas, o desemprego, o sindicato, a greve, os piquetes, enfim toda a estrutura que circunda a vida do trabalhador dentro e fora do ambiente de trabalho.

Durante as intervenções no sindicato durante a greve em 1980, segundo Paranhos (2002), o grupo *Forja* continuou apresentando a peça em frente ao sindicato, entretanto, durante a greve foi desencadeada uma forte repressão contra o movimento. Como afirma Urbinati (1981), diretor do grupo, apresentar a peça naquelas circunstâncias significava atentar contra a "lei de Segurança Nacional". Para Paranhos (2005), o surgimento do grupo *Forja* está diretamente ligado a um momento em que os dirigentes sindicais de São Bernardo do Campo, ligados ao Sindicato dos Metalúrgicos, a exemplo de experiências de outros sindicatos e associações de trabalhadores existentes no Brasil e em outros países nos séculos XIX e XX, se colocavam de maneira a ampliar suas discussões em torno de atividades de formação dos trabalhadores voltadas à comunicação, cultura e à educação. Recuperar essa história e compreender a atuação e alcance político desses grupos junto aos trabalhadores pode lançar novas luzes aos movimentos sociais hoje em luta, e, mesmo, oferecer novo material crítico e reflexivo ao movimento sindical, com vistas a retomar seu papel social nesse início de século e de espaço de luta incessante contra a ofensiva do capital.